

Contos migratórios de Dora Nunes Gago

Migratory short stories by Dora Nunes Gago

Paulo Jorge Teixeira Cavaco

CEMRI – Universidade Aberta
paulojtcavaco@gmail.com

Rosa Maria Sequeira

CEMRI – Universidade Aberta
rosa@uab.pt

Palavras-chave: Conto, Dora Nunes Gago, estratégia discursiva, migração, oscilação, processos inconclusivos.

Keywords: Dora Nunes Gago, discursive strategies, inconclusive processes, migration, oscillation, short story.

O ensaísta dinamarquês Søren Frank considera que, no momento histórico atual, marcado pela globalização, “a migração se tornou a norma” (Frank, 2008, p. 2) e não mais uma exceção; entende a projeção deste fenómeno no âmbito literário “como um conceito com relevância simultaneamente estética como sociológica” (2008, p. 3); e defende ainda que literariamente a migração está relacionada tanto com os aspetos relativos ao conteúdo da obra literária – a temática e as personagens da história – como com a sua forma – as estratégias discursivas –, conforme refere na definição de literatura de migração:

a migração [literária] refere-se não apenas à vida do autor, mas também às vidas das personagens ficcionais, ao referencial temático global e às estratégias discursivas das narrativas. (Frank, 2008, p. 15)

A substituição da designação de literatura de migrantes pela de literatura de migração assenta precisamente na ideia de que este subgénero literário pode ser concebido como um fenómeno intratextual independente de fatores extraliterários tais como a vida dos autores: “Não é possível falar de literatura de migração sem referência à vida do autor, focando pelo contrário o design estilístico e temático da obra?” (Frank, 2008, p. 15).

Søren Frank, à semelhança de outros como Christopher Prendergast (2004), considera ser o romance o género narrativo mais apto para expressar o fenómeno

da migração por poder melhor incorporar na sua forma elementos migratórios, facto propiciado pela natureza proteica ou ambivalente deste género.

Na mesma linha de pensamento e em relação ao conto, Rosa Goulart constata que “adentro dos géneros narrativos, ele [o conto] parece ser ainda aquele que não pode fragmentar-se sem se descaracterizar” (2004, p. 8), realçando que a autonomia deste género literário, sustentada nas suas especificidades, se encontra em risco em virtude da descaracterização que a introdução de elementos fragmentadores da coerência da narrativa lhe pode infligir, entre os quais se pode contar a incorporação de elementos migratórios, associados por Søren Frank à literatura de migração.

Julio Cortázar o grande mestre argentino do conto, define-o nos seguintes termos:

um género de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagónicos aspetos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário. (2004, p. 149)

Este caracteriza-se, comparativamente ao romance, pela menor extensão, que, embora não seja um elemento definidor do género, tem implicações na economia da narrativa, conforme elucida Bonheim:

a limitação de extensão arrastou outras limitações que tendem a ser observadas: um reduzido elenco de personagens, um esquema temporal restrito, uma ação simples ou pelo menos apenas poucas ações separadas, e uma unidade de técnica e de tom. (*apud* Reis & Lopes, 2011, p. 79)

O autor de *Bestiário* sublinha que “o conto parte da noção de limite” (Cortázar, 2004, p. 151), o que tem repercussões ao nível da ação, das personagens e do tempo (Reis & Lopes, 2011, p. 79), estando o contista impossibilitado de desenvolver “elementos parciais, acumulativos” (Cortázar, 2004, p. 151) próprios do romance, concebe uma estratégia distinta para este género narrativo:

o fotógrafo ou o contista sentem a necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espetador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (Cortázar, 2004, pp. 151-152)

Face à teoria de que, ao invés do romance, o conto não se configura “o género mais apto em incorporar elementos migratórios na sua forma”, pela descaracterização que essas incorporações podem significar, interessa então questionar que feição assume o fenómeno da migração no conto. Os contos reunidos no volume *Travessias* da autoria de Dora Nunes Gago¹, publicado em 2014, irão servir-nos de

¹ Dora Nunes Gago (1972), natural de São Brás de Alportel, além de ensaísta e investigadora no âmbito de temáticas relacionadas com as migrações, é igualmente autora de obras literárias de

ponto de partida para esta reflexão. Analisaremos o modo pelo qual conteúdo e forma se conjugam para transmitir a experiência migratória, identificando temáticas e estratégias discursivas.

Numa primeira abordagem, o termo “travessia” remete para a “ação de atravessar um espaço, em especial uma grande extensão de terra, ar ou água”, conforme é definido pelo *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, p. 3625). Contudo, da leitura dos contos ressalta que a migração em *Travessias* não se refere apenas à deslocação física, relacionada com o mundo real, que engloba a emigração e a imigração, as duas faces do mesmo fenómeno, como afirma Abdelmalek Sayad (1999), nas quais se abordam aspetos como a natureza legal ou ilegal da migração, as suas motivações, que vão da fuga à pobreza à tentativa de concretização de sonhos, até aos desfechos ou consequências variadas, umas vezes marcados pela sorte, outros pelo infortúnio. Diz respeito também aos movimentos, mudanças, mutações, alterações, transformações e transposições, experienciadas pelo ser humano noutras dimensões, em que percebe o estado de permanente transitoriedade em que está envolvido. Esta percepção resulta da atividade imaginativa, onírica e introspectiva do sujeito. Por exemplo, a retrospectiva (ou balanço) do percurso de vida de uma personagem, feita no presente, através das recordações que a memória reteve, permite perceber as existências humanas como estando determinadas pela passagem do tempo, mais propriamente, pela sucessão de acontecimentos que condicionaram o seu rumo, conforme está patente em contos como “Nunca será tarde”, “A chave das memórias” e “É de linho o teu verso fiado no destino”. Do mesmo modo, o sentimento de permanente transitoriedade também resulta da contínua insatisfação do sujeito, alimentada pelas suas ambições, desejos e sonhos, que nunca o deixam sentir-se realizado. Ou ainda das alucinações causadas por doenças psiquiátricas ou pelo consumo de estupefacientes, como ocorre no conto “Átropos”, em que o estado migratório da jornalista Ana Silva é de ordem mental, resultante da efervescência causada por uma doença psiquiátrica, mantendo-a numa alucinação permanente, ao ponto de experienciar imaginariamente a migração da vida para a morte.

A conceção de migração de Søren Frank – “a migração refere-se tanto aos movimentos espaciais quanto temporais de autores e de personagens, tal como é usado para descrever as estratégias textuais dinâmicas e os pontos temáticos focais do trabalho literário” (2008, p. 8) – ecoa nestes contos de Dora Nunes Gago. A conceção de Frank decorre do modo como a migração transparece na obra de Salman Rushdie, considerando-a o ensaísta dinamarquês uma conceção mais inclusiva que o seu uso habitual, restringido apenas aos movimentos espaciais.

diversos géneros: poesia – *Planície de Memória* (1997) –, conto – *A Sul da Escrita* (2007), galardoada com o Prémio Nacional do Conto Manuel da Fonseca, *A Oeste do Paraíso* (2012) e *Travessias* (2014) –, assim como obras genologicamente híbridas como ocorre com *As Duas Faces do Dia* (2014). A par das produções individuais, tem participado igualmente em obras coletivas como *Sete Histórias de Gatos* (2004), em coautoria com Arlindo Mártires, e tem colaborado em *Stories do Alentejo*, projeto coordenado por Luís Miguel Ricardo.

Esta conceção polissémica do termo “travessia” está presente também na obra coletiva, coordenada por Shirley Carreira, *Travessias: estudos de literatura e imigração* (2015), resultante da pesquisa realizada no âmbito do projeto “Travessias do espaço, do tempo e da memória: representações do imigrante na literatura contemporânea”, levado a cabo na Uniabeu, em que os ensaios reunidos foram organizados nas categorias de migração como travessia de espaço, travessia da memória e travessia da palavra, indo esta proposta igualmente além da mera ideia de deslocação geoespacial. O que parece ser um ponto comum na pluralidade de conceções de travessia é a ideia de desenraizamento, que se assume como noção central na definição de literatura emigrante. Ana Paula Mendes destaca-a como uma das características deste subgénero literário:

literatura emigrante será toda aquela que, independentemente das circunstâncias e referências extratextuais, incorpora como projeto de escrita o desenraizamento (...) para além de, genericamente, poder designar o dinamismo de interpenetração de diferentes literaturas que sempre esteve na génese da evolução literária e da história das ideias em geral. (2009, p. 18)

O desenraizamento está relacionado com a migração, na medida em que esta origina mudanças e mutações, reais ou imaginárias, que desarraigam o sujeito migrante, em virtude de se produzir um afastamento das zonas de conforto em que este se sentia seguro e estável, originando quer a transformação do seu estilo de vida quer alterações do estado de espírito e do seu próprio ser.

Tão sugestivo e significativo quanto o título da obra é o seu subtítulo – “Contos migratórios” – que suscita, desde logo, a comparação com outras expressões habitualmente usadas como contos de migração ou contos sobre migração. Enquanto estas sugerem a ideia de textos literários do género que relatam histórias cuja ação gira em torno desta temática, envolvendo personagens que a experienciam, remetendo, assim, estas designações para o conteúdo da obra, a expressão contos migratórios coloca a questão sob um prisma distinto. O sufixo -ório, constitutivo da palavra migratório, que forma o adjetivo a partir da forma verbal migrar, tem, segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (1989, p. 101), o sentido de ação e de pertinência, pelo que nos contos migratórios a própria ação de migrar caracteriza esses contos, residindo nessa ação de migrar a sua pertinência.

Com a expressão contos migratórios, o ato de migrar converte-se em algo inerente ao conto, por os textos literários serem eles próprios migratórios, facultando ao leitor, por meio da leitura, a experiência migratória que relatam. Em vez de uma simples narrativa acerca da migração, neste caso o leitor é envolvido numa certa ambiência caracterizada pela indefinição, incerteza e insegurança. O conto migratório proporciona ao leitor a experiência da realidade narrada através de estratégias discursivas que, coadunando-se com o conteúdo, geram no leitor os mesmos sentimentos e as mesmas sensações experienciadas pelo migrante que passa por essa insegurança motivada pela constante transformação do meio envolvente que, muitas vezes, é hostil. Deste modo, a designação contos migratórios vai ao encontro da proposta de Søren Frank de conciliar conteúdo e forma por a migração dizer respeito a ambas.

Nos doze contos incluídos em *Travessias*, a migração é uma condição inerente à vida do ser humano e está presente nos mais variados âmbitos da sua existência. Assim, o fenómeno é abordado sob diversas perspetivas que envolvem inúmeras condicionantes, numa grande complexidade que revela uma grande multiplicidade de situações e que mostra bem a abrangência do conceito.

A organização do volume reflete este fenómeno, sugerindo que há uma pluralidade de travessias: os seis primeiros contos não estão agregados sob nenhum subtítulo, apresentando-se sob a alçada do título da obra – *Travessias* –, enquanto os seis últimos estão aglutinados numa subparte intitulada “Outras Travessias”.

A variedade de aspetos temáticos abordados em *Travessias* ressalta de uma sucinta descrição dos contos. O conto “A caçadora de ilusões” narra a história da emigração de Mariana para Espanha, procurando concretizar o sonho de uma carreira musical, mas, ao invés, envolvendo-se num esquema de tráfico humano para exploração sexual. Focado igualmente na temática da emigração, “O Eldorado” relata, contudo, a tentativa de emigração clandestina de José e de dois vizinhos para os Estados Unidos, numa aventura marcada pela ingenuidade dos protagonistas face às medidas restritivas da política de imigração norte-americana. Ao contrário destes dois projetos de emigração malsucedidos, protagonizados por uruguaios, em “De música e magia” relata-se a imigração bem-sucedida de um jovem português no Uruguai, cujo projeto de vida não se pauta pela ambição desmesurada, mas pela concretização de um sonho. Do mesmo modo, em “Sagitário”, o domador de cavalos, originário de São Miguel, também está marcado pela experiência de emigração e imigração afortunada. O contraponto do desejo de emigrar surge em “Amanhã será outro dia”, em que o *hurgador* Jiménez, que se dedica a “remexer os caixotes do lixo da cidade para selecionar cartão e vidro para vender a alguma fábrica” (Gago, 2014, p. 37), tem consciência de que vale mais lutar pela alteração da sua situação económica na terra natal, através da educação dos filhos, do que correr o risco de embarcar num projeto de emigração que poderá redundar em mendicidade num país estranho.

Além da migração no espaço relatada nestes contos, nos outros surgem experiências migratórias doutra natureza. Em “Nunca será tarde” faz-se uma retrospectiva da vida de Dolores, marcada pelos momentos felizes da infância dos filhos, mas também pelo drama das perseguições e tortura movidas pela ditadura militar, obrigando ao exílio dos filhos e à vida atormentada de Dolores, surgindo no presente a possibilidade de uma nova fase de felicidade. De modo análogo, em “Um pouco mais de azul” também se faz a retrospectiva da vida da pintora Alice, uma mulher de setenta e oito anos, que, apesar das limitações que a idade acarreta, não deixa de aproveitar os momentos que a vida lhe proporciona. E em “É de linho o teu verso fiado no destino”, a vida de Sara Branco, uma mulher de meia idade que recentemente enviudara, é objeto de um balanço em que sobressai a perda sofrida com a morte do marido. “A chave da memória” narra as iniciativas levadas a cabo por Isabel, tentando esclarecer o drama vivido pela sua família, marcado pela emigração e desaparecimento do pai na América do Sul e pelo suicídio da mãe, factos que determinaram o seu futuro. Associada a esta história, está a relatada no conto “Recomeçar”, protagonizada por Helena que, à semelhança de Isabel, foi afetada pelo mesmo drama familiar, tendo sido sepa-

rada da irmã e levada para Macau. Residindo nesta cidade do Extremo Oriente, a personagem procura, muitos anos depois, restabelecer o contacto voluntariamente quebrado com a irmã, num momento em que a sua vida foi destroçada pela morte do marido, pela doença oncológica de que sofre e pelos problemas de saúde e dependência das drogas da filha. Conectado com “Recomeçar” está o conto “Delírio”, uma vez que conta, como o próprio título indica, as alucinações de Ana Cláudia, filha de Helena, que abandonou a mãe e a cidade de Macau e veio para Portugal onde foi internada por problemas psiquiátricos aos quais se alia o consumo de estupefacientes, acabando a protagonista por sucumbir. “Átropos” apresenta aspetos comuns com o conto anteriormente descrito, pois narra a experiência de Ana Silva, uma mulher de meia idade, que se encontra num estado migratório em virtude da doença do foro psiquiátrico de que padece, sendo a sua morte concebida como a migração da vida para a morte. Por último, em “Sagitário”, conto a que já aludimos a propósito da migração no espaço, relata a ambição “eternamente adiada” do domador de cavalos que, após a emigração dos Açores e uma vida de imigrante repleta de sucesso no Uruguai, sonha obter êxito no torneio em que participa com o cavalo Açor, “uma espécie de sagitário, descido das brumas do mito para habitar aquela terra” (Gago, 2014, p. 31).

Protagonizadas por personagens migrantes, nestas histórias há homens e mulheres, jovens e idosos, de diferentes proveniências e nacionalidades, projetos migratórios de natureza diversa e que têm lugar numa pluralidade de territórios – Uruguai, Macau, Portugal e Barcelona –, transparecendo do conjunto da obra a complexidade da realidade migratória, em que cada projeto é único por resultar da conjugação de condições singulares. Cumpre assinalar alguns aspetos que compõem este mosaico complexo: verifica-se um predomínio de contos protagonizados por mulheres – oito – contra quatro por homens, tendo todos os contos da subparte “Outras Travessias” personagens principais femininas; constata-se que os projetos de migração no espaço são maioritariamente empreendidos por personagens masculinos, sendo Mariana, a protagonista de “A caçadora de ilusões”, a exceção feminina, enquanto que os projetos de migração interiormente experienciada dizem respeito quase exclusivamente às personagens femininas, excetuando-se o domador de cavalos em “Sagitário”, cuja aventura presente corresponde ao cumprimento de uma aspiração pessoal; quanto ao espaço, o Uruguai, onde decorrem as seis primeiras histórias, é simultaneamente lugar de origem da emigração, caso de “A caçadora de ilusões” e “O Eldorado”, e lugar de destinos de imigrantes, conforme ocorre em “De música e magia”, em “Sagitário” e em “A chave da memória”; em muitos contos, sobretudo naqueles centrados em experiências migratórias interiormente vivenciadas, as personagens experimentam mais do que um tipo de migração, nomeadamente a migração de índole espacial está na origem de outro tipo de migração, como ocorre em “A chave da memória”, em que a emigração do pai de Isabel para a América do Sul, aliada à morte da mãe, está na origem da tragédia que a personagem e a irmã Helena viverão, pois aqueles factos tiveram repercussões no futuro dos familiares.

A perceção da complexidade do fenómeno migratório é reforçada pelo facto de, em mais de um conto, se abordar a mesma temática, mas segundo abordagens diferentes, como ocorre com a emigração – “A caçadora de ilusões” e “O

Eldorado” –, o reverso nos contos que relatam experiências de imigração – “Sagitário” e “De música e magia” –, ou a retrospectiva da vida de personagens como em “Nunca será tarde” e “A chave das memórias”, entre outros. A abordagem da mesma questão segundo ângulos diversos produz no leitor a sensação de que a compreensão total do fenómeno está para além do seu entendimento, escapando-lhe porque percebe a realidade envolvente como complexa e em permanente movimento, a que não é alheio o facto de a conjugação infinita dessas variantes tornar cada projeto migratório pessoal num evento único.

A migração tanto é vista como um fenómeno positivo, conotado com a esperança do ser humano em ver a sua condição melhorar, como é concebida como algo negativo, pelas frustrações que acarreta, por vezes mesmo pelas consequências nefastas que implica. Os títulos dos contos indiciam essa faceta positiva ou negativa do ato migratório: assim, em títulos como “Nunca será tarde”, “Amanhã será outro dia”, “De música e magia”, “O Eldorado” e “Recomeçar” sugere-se o lado promissor da migração, ao passo que um título como “Delírio” remete para aspetos negativos. O título “O Eldorado” revela-se irónico, uma vez que a inicialmente aparente situação benéfica acaba por não se concretizar, pois o sucesso sugerido não passa de uma miragem. De forma análoga, o lexema “ilusões”, presente no título do conto “A caçadora de ilusões”, revela-se polissémico, pois, se inicialmente sugere a ilusão que a personagem tem de aproveitar a oportunidade que se lhe apresenta, no final redundou num logro, reduzido a nada. De destacar que o termo ilusões também aparece nos contos “Nunca será tarde” e “Sagitário” por conter a esperança de se alcançar o desejado. Em suma, a migração pode assim ser entendida como “sonhos em movimento”, para recorrermos à expressão empregue na obra *Literatura e imigrantes: sonhos em movimento* (Vaz & et al., 2006), ainda que, por vezes, esses sonhos se convertam em pesadelos.

Abordados os aspetos relativos ao conteúdo, vejamos de que modo se constroem as histórias, isto é, de que estratégias discursivas se socorre a autora para elaborar os seus contos migratórios.

O ensaísta escandinavo que temos vindo a citar defende que as narrativas que abordam a migração se caracterizam pela sugestão de dois aspetos: a oscilação e os processos inconclusivos.

Como se manifesta então essa oscilação e os processos inconclusivos nestes contos?

Por um lado, a estrutura e organização do livro poderão contribuir para o efeito de instabilidade, uma vez que a extensão dos doze contos é variável, verificando-se uma grande disparidade, desde os contos mais curtos com apenas duas páginas, como ocorre em “De música e magia”, até ao mais extenso – “A chave da memória” – com vinte e cinco páginas. Os seis primeiros contos são de menor dimensão, ultrapassando apenas o primeiro – “A caçadora de ilusões” – as dez páginas. Por seu turno, entre os seis últimos, quatro correspondem aos de maior extensão no livro. Sendo oscilante, esta disparidade contribui para o efeito de instabilidade, suscitando no leitor, por seu turno, sentimentos de insegurança e confusão próprio de situações em que a estabilidade se perde por tudo estar em devir.

Por outro lado, num género marcado pelo carácter linear da diegese, verifica-se a quebra da linearidade através da introdução de analepses e prolepses, sobretudo das primeiras, resultando na oscilação e na desestruturação cronológica da narrativa. O presente como o tempo da narração não deixa de ser privilegiado, focando-se acontecimentos da vida das personagens nos instantes em que ocorrem numa identificação do tempo do discurso e da história, mas em “A caçadora de ilusões”, por exemplo, esse presente é seguido das expectativas da personagem. Constata-se ainda a hibridização do conto através da mistura de discursos pertencentes a géneros variados como a biografia, o ensaio e a poesia, incluindo-se neste aspeto igualmente a constante intertextualidade com textos da literatura portuguesa, argentina e uruguaia.

A leitura sucinta dos contos “Um pouco mais de azul” e “Sagitário” permitir-nos-á comprovar como a utilização das estratégias supramencionadas se conjugam e concorrem para a expressão da experiência migratória.

Em “Sagitário” aborda-se a vida como uma migração permanente, estando o ser humano sempre em devir, numa mutação constante, em busca da concretização dos seus sonhos e anseios, ficando, por vezes, alguns desses projetos “eternamente adiad[os]” (2014, p. 36).

O domador de cavalos que transpôs “um oceano e um rio” (2014, p. 35) é a personagem migrante que protagoniza esta história, tendo encarnado várias experiências migratórias bem-sucedida. Jovem emigrou com o pai de São Miguel, nos Açores, para a América do Sul – primeiro, Buenos Aires e, depois, Colónia do Sacramento, no Uruguai – por causa da miséria que grassava a terra natal, agravada pela guerra e pela ditadura, tendo no presente uma vida bem-sucedida, em resultado de anos de trabalho e esforço, a que a adoção dos hábitos e costumes locais como o consumo de mate e o gosto pelos cavalos espelham a sua plena de integração na sociedade de acolhimento. Superados os desafios da emigração e imigração, a personagem encontra-se no presente perante um outro repto por si próprio lançado: a busca de glória num torneio de domadores de cavalos – “Quer deixar o seu nome escrito pelos dedos indeléveis da glória” (2014, p. 35). Esta constitui uma tentativa de cumprir um sonho que é também uma forma de migração, não no sentido espacial, mas interior.

Neste conto, no qual se encontram três facetas do fenómeno migratório experienciadas pela personagem – a emigração, a imigração e a migração interior em busca da concretização de um sonho –, o foco narrativo recai, contudo, no projeto que no momento presente absorve completamente o pensamento da personagem, estando a narrativa estruturada a partir da narração dessa ação presente, isto é, a narração da viagem a cavalo efetuada pelo protagonista, desde a sua propriedade agrícola na região da Colónia do Sacramento até Montevideu, acompanhando-se os acontecimentos no momento da sua ocorrência.

A narração assenta assim na alternância entre o presente da viagem rumo ao local do torneio de cavalos, a “Rural do Prado, uma espécie de feira agrícola que divulga os produtos típicos do Uruguai rural” (2014, p. 34), e o passado relativo a momentos determinantes da sua existência de migrantes, apresentado com recurso a analepses, com alguns saltos prolépticos, criando-se por meio dessa oscilação entre tempos um efeito desestabilizador próprio da experiência de

migração, dominado pela mudança constante. No momento tempo, vencidos os desafios da emigração e da imigração, a personagem procura ultrapassar outros reptos. A sua vida de migrante é dominada pela ideia de ir sempre mais além. Se enquanto imigrante se assumiu como um ser triunfante, agora, numa fase em que a sua condição de imigrante já foi ultrapassada e em que o aspeto geográfico perdeu importância, sobressaem os desafios da ordem do imaginário, aqueles que resultam dos seus sonhos e ambições, e é neles que enfrenta o fracasso.

O percurso de vida de constante migração, feita de transposições regulares, vê-se quebrado neste conto quando a personagem falece em resultado de um coice do próprio cavalo, aquele com o qual a personagem tinha a vida unida, ficando assim a sua consagração no dia seguinte “eternamente adiada” (2014, p. 36).

Por seu turno, o conto “Um pouco mais de azul”, integrado em “Outras travessias”, cujo título corresponde a um verso do poema “Quasi” de Mário de Sá-Carneiro, narra a história de Alice, uma senhora de setenta e oito anos, “uma autêntica mulher do mundo” (2014, p. 111), que optou por residir num lar de terceira idade, pois “tinha comodidade e não precisava de se preocupar com o facto de viver sozinha, nem com qualquer tipo de tarefas domésticas” (2014, p. 111), dividindo o tempo entre este espaço e o ateliê onde se dedica à pintura, a paixão de toda a vida, para quem “a única forma de manter viva a sua alma era continuar a pintar” (2014, p. 111), sentindo em si ainda “o desejo de viajar” (2014, p. 111), outra determinante da sua vida. Enquanto Alice acorda, a luz matinal reincide sobre as fotografias colocadas na mesa de cabeceira dando origem à rememoração da sua vida passada, na medida em que nelas “ecoam as memórias” doutros tempos e lugares (2014, p. 111).

A narração da história obedece à seguinte estrutura: a ação inicialmente centrada no presente – “Alice também começa a despertar. É mais uma das últimas a sair da cama, mostrando sempre a sua revolta pelas regras do Lar que impõem hora para tomar o pequeno-almoço” (2014, p. 111) –, mergulha, por meio de breves analepses sucessivas, no passado, num exercício de rememoração de momentos marcantes da vida da personagem, através das quais se reconstruem os dados biográficos disseminados pelo texto – “Desde os seis anos que o desenho e a pintura eram um modo de ser” (2014, p. 112), “Sempre fora solteira, sem família, inteiramente livre e isso havia-lhe dado o privilégio – que a maioria das pessoas não tinha de escolher o Lar onde passaria os últimos anos da sua vida” (2014, p. 113), “Fora uma mulher bonita, sensual e muitos homens, de várias cores, raças, credos e etnias, haviam habitado o seu corpo e o seu coração” (2014, p. 113), “Aquela terra vermelha tão amada onde vivera durante vários anos” (2014, p. 114); e “Licenciara-se em Sociologia em Utreque. Depois, iniciara a sua saga pelos mais diversos e recônditos cantos do mundo, ao serviço de uma ONG (...)” (2014, p. 115). Depois o narrador retorna por momentos ao presente, produzindo-se assim o efeito de uma oscilação constante entre o presente e o passado, intensificado pelo recurso a outras estratégias discursivas como a mistura de pequenos registos discursivos respeitantes a géneros literários e não literários diversos: além do texto biográfico já mencionado, o texto ensaístico, o texto poético, o texto descritivo referente à descrição do quadro pendurado na parede do quarto em frente ao leito, as narrativas encaixadas relativas aos sonhos da ilha de Rubane e

dos grifos da Guiné. Esta hibridização cria não só o efeito de oscilação mas também um sentimento de desorientação, provocado pela mutabilidade frequente que impossibilita a sensação de fixidez e estabilidade, instaurando-se a noção de que a vida da personagem esteve dominada pelo movimento e pela mudança, como se se tratasse de uma sucessão de momentos interrompidos, que ficaram por concluir. A narração segue uma exposição oscilante, saltando entre aspetos como se permanecesse sempre num processo inconclusivo.

Já a alusão inicial aos lugares a que as fotografias se reportavam – “as fotografias onde ecoam as memórias de África: primeiro, a Angola, Moçambique e depois a Guiné, antes a Holanda... mais tarde, ainda, Macau, a China, Timor-Leste e, finalmente, o Uruguai” (2014, p. 111) – se revela desconcertante para o leitor pelo facto de a sequência cronológica dos locais visitados, inicialmente sugerida pelos conectores “primeiro” e “depois” se ver subitamente quebrada com a introdução do conector “antes”, retomando-se depois novamente a ordem cronológica com o “mais tarde”. A enumeração sucessiva dos diversos tempos-lugares faz com que as experiências tidas em cada um surjam mesclados como um todo, pelo que o passado se apresenta como um tempo amalgamado em que os acontecimentos perderam a delimitação temporal própria, sendo elementos constitutivos de um todo ao qual, contudo, só se acede por meio de memórias fragmentadas.

O narrador invoca por meio dessas memórias fragmentadas as vivências de Alice noutros tempos e noutros lugares, correspondendo essas breves invocações a fugas momentâneas do presente, fundamentais para a definição da identidade da personagem. Este ato de rememorar o passado – migração no tempo – concilia-se com a existência marcada pelas deambulações pelo mundo – migração no espaço –, sendo a sua identidade definida pelas experiências vividas.

Face a essas oscilações constantes no conto, pode concluir-se que este conto parece não ter um centro, na medida em que mais do que uma história, ele conduz o leitor por uma sequência de fragmentos relativos a memórias do passado. De algum modo, podemos constatar nele uma rede rizomática, no sentido em que Deleuze e Guattari a concebem, uma vez que a existência da personagem Alice surge da ligação de pontos espaço-temporais variados que, unidos pela memória, aparecem como um todo em que nenhum momento tem prevalência sobre outros.

Esta desestruturação da narração permite mostrar como na existência presente da personagem confluem uma pluralidade de experiências que tornam a sua vida rica, ainda que essa riqueza decorra previamente da instabilidade que as andanças constantes lhe imprimiram. A mobilidade constante originou instabilidade estando esta na origem de experiências enriquecedoras. Neste conto a terceira idade de Alice, não obstante transportar já marcas da decadência que o tempo não perdoa, denunciadas pelas falhas de motricidade fina, surge como um tempo enriquecido pela acumulação de experiências passadas que a personagem mantém no presente: pinta sob o olhar perscrutador da gata Indy, não excluindo a possibilidade de uma exposição futura numa galeria, e ainda faz viagens curtas.

Nestes contos constata-se o uso recorrente destas estratégias discursivas que geram no leitor um sentimento de oscilação entre tempos, lugares e estados de espírito, originado sobretudo pelo recurso à quebra da linearidade da diegese

e à hibridização do conto. Se a narração dos acontecimentos no momento presente permite acompanhar as experiências da personagem migrante, captando os sentimentos que a dominam no instante das ocorrências, a confluência no texto narrativo de fragmentos de diversos registos discursivos, aliada à inclusão das analepses, sugere que a vida humana é formada pela pluralidade de momentos vividos, qual um mosaico constituído por múltiplas peças, sublinhando-se, deste modo, a natureza instável e precária da existência humana. A evocação sucessiva nas histórias narradas de uma multiplicidade de momentos relativos à vida das personagens deixa transparecer um estado permanentemente inconclusivo, uma vez que, cada facto evocado, é transposto do seu contexto original do passado para o novo contexto do presente, a fim de participar na edificação do momento presente da personagem como súpula de toda a sua existência.

A título de conclusão, poder-se-á afirmar que nestes contos de Dora Nunes Gago se procura que o leitor seja atingido por um sentimento de instabilidade, de forma que sinta o estado de constante mudança que marca a vida, onde predomina a ausência de pontos de ancoragem fixos e seguros. Contudo, ao nível formal, o perigo apontado por Rosa Goulart, de a fragmentação do texto acarretar a descaracterização do conto, não ocorre, na medida em que as estratégias discursivas implementadas para transmitir o estado de mutabilidade constante concretizam o seu objetivo sem implicar a desintegração do texto.

Referências bibliográficas

- Carreira, S.; et al. (Coord.) (2015). *Travessias: estudos de literatura e imigração*. Belford Roxo: Uniabeu.
- Cortázar, J. (2004). Alguns aspetos do conto. *Valise de Cronópio* (pp. 147-163). São Paulo: Editora Perspetiva.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. (2001). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo.
- Frank, S. (2008), *Migration and Literature: Gunter Grass, Milan Kundera, Salman Rushdie, and Jan Kjærstad*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Gago, D. N. (2014). *Travessias – Contos Migratórios*. Viseu: Edições Esgotadas.
- Goulart, R. (2004). O conto: da literatura à teoria literária. *Forma Breve* 1, 7-13.
- Mendes, A. (2009). *Lentes Bifocais. Representações da Diáspora Portuguesa do Século XX*. Porto: Edições Afrontamento.
- Prendergast, C. (2004). The World Republic of Letters. In C. Prendergast (Ed.), *Debating World Literature* (pp. 1-25). London / New York: Verso.
- Reis, C.; Lopes, A. C. (2011). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Edições Almedina.
- Sayad, A. (1999). *La double absence*. Paris: Éditions du Seuil.
- Vaz, A.; et al. (Coord.) (2006). *Literatura e imigrantes: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.

Resumo

De acordo com a conceção de Søren Frank (2008), que defende que a migração só se pode inscrever na obra literária pela conjugação do conteúdo – as temáticas abordadas e / ou a condição migrante das personagens –, com a forma – as estratégias discursivas implementadas –, propomo-nos analisar os contos que constituem a obra *Travessias – Contos Migratórios* (2014) de Dora Nunes Gago. Partindo da reflexão em torno das designações “contos migratórios” e conto de/sobre migração, procurar-se-á identificar as estratégias discursivas postas ao serviço das temáticas tratadas e, desse modo, constatar em que medida o conceito de migração

se converte numa característica intratextual da obra literária e não meramente um tema literariamente explorado.

Abstract

According to Søren Frank (2008), migration can only be inscribed in the literary work by the conjugation of the content – the themes and / or the migrant condition of the characters – with the form – the discursive strategies. We analyze the short stories included in the book *Travessias – Contos Migrat6rios* (2014) by Dora Nunes Gago. Our reflection starts by the distinction of the descriptions “migratory tales”, “tales of migration” or “tales on migration”. We identify the discursive strategies put at the service of the topics treated and, thus, to verify to what extent the concept of migration becomes a characteristic of the literary work and not merely a literarily explored theme.